

ABERTURA A “O TESOURO ESCONDIDO”

CARTA ABERTA AOS MAÇONS E A ALGUNS OUTROS

Opening to “The hidden treasure” – An open letter to the Masons and other

Apertura de “El tesoro escondido” - Carta abierta a los masons y algunos otros

Michel Maffesoli

Professor da *Université de Paris-Descartes* e Membro do *Institut Universitaire de France*. Autor de livros como ‘A parte do diabo’ (Editora Record, 2004) e ‘O tempo das tribos: declínio do individualismo’ (2006) pela Forense Universitária.

Florence Dravet (tradução)

Doutora em Didactologia das línguas e culturas pela *Paris III Sorbonne-Nouvelle*. Professora da Universidade Católica de Brasília e autora de ‘A crítica da Razão Metafórica’ pela editora ‘Casa das Musas’
E-mail: flormd@gmail.com

Resumo

“A juventude não é a época herege por excelência?”, pergunta Maffesoli neste texto. Ela ri das instituições enquanto sensivelmente prepara novas outras. É o mito da criança eterna que tem na pós-modernidade seu locus privilegiado. É a ‘vadiagem iniciática’ que agencia as grandes mutações civilizacionais. Nesta divertida carta aberta aos maçons, os defensores da ‘filosofia progressiva’, o pensador francês tece alguns comentários sobre a potência desta criança-aprendiz para um “inegável reencantamento do mundo”.

Palavras-chave: Criança eterna. Esoterismo. Viagens iniciáticas. Reencantamento.

Abstract

“The youth is not the heretic time par excellence?” asks Maffesoli in the following text. The youth laughs at the institutions while prepares new ones. It is the Myth of the Eternal Child which has in Post-modernity its privileged locus. In this open letter to the Masons, the main defenders of the ‘Progressive Philosophy’, the French thinker comments about the potency of this learning-child for an “undeniable re-enchantment of the world”.

Keywords: Eternal child. Esotericism. Initiatory travels. Re-enchantment.

Resumen

“La juventud no es la época hereje por excelencia?”, pregunta Maffesoli en este texto. Ella se ríe de las instituciones mientras prepara otras nuevas. Es el mito del niño eterno que encuentra en la posmodernidad su locus privilegiado. Es el “vagabundeo iniciático” que agencia las grandes mutaciones civilizacionales. En esta divertida carta abierta a los masones, los defensores de la “filosofía progresiva”, el pensador francés teje algunos comentarios acerca de la potencia de este niño-aprendiz para un “indiscutible reencantamiento del mundo”.

Palabras-clave: Niño eterno. Esoterismo masónico. Viajes iniciáticos. Reencantamiento.

* Texto originalmente publicado em MAFFESOLI, M. *Le Trésor caché* (Leo Scheer, 2015), cujos direitos autorais foram cedidos pelo autor.

❖ Artigo submetido em 06/04/2015 e aprovado para publicação em 15/05/2015.

A qualquer idade que seja (três anos, cinco anos, sete anos...), a temática da criança eterna deve ser compreendida como um mito lembrando a eterna juventude do mundo. Há momentos em que esta se afirma com força. Momentos em que se expressa uma sensibilidade heterodoxa. Pois a juventude não é a época herege por excelência? Questiona as certezas, os sistemas e, logicamente, o “conformismo lógico” do bem-pensar estabelecido, conformismo do qual não sabemos medir ainda todas as conseqüências malignas¹.

Entre essas, a incapacidade em identificar e, portanto, em pensar o vitalismo inextinguível que, em todas as áreas, põe em xeque as instituições esclerosadas e suas racionalizações obsoletas. Com desenvoltura, o *instituinte* juvenil ri-se da senilidade de tudo o que é *instituído*. O que alarga o fosso existente entre uma sociedade oficial, em agonia, e uma outra, oficiosa, elaborando-se, secretamente, na vida corrente: a do “homem sem qualidade”.

Não é a primeira vez, na história humana, que existe um tal desacordo. E será útil, nesse caso, voltar às raízes que, no senso estrito do termo, confortam as bases do viver-junto. No entanto, o pensamento tradicional insiste nesses períodos de crise, no fato de saber filtrar o que merece ser filtrado. Purgar-se das opiniões, por mais sábias que sejam, e reaprender a ler o grande livro da vida. À imagem da criança-aprendiz que *soletra*, letra por letra, o texto sendo escrito, dia após dia, ao longo desse *ser-com*, fundamento mesmo de toda sociedade.

É preciso, a cada época, saber dizer sua *cifra* característica. É a partir de sua *cifra* esotérica que podemos decifrar, ou seja, compreender, o que é vivido no cotidiano. Aprender a decifrar a retórica societal, como as crianças que, ao soletrar, entram pouco a pouco no reino do pensamento. Assim, desfazer-nos de nossa arrogância intelectual permite acessar à (re)novação da vida intelectual. E assim, talhar a pedra símbolo do aperfeiçoamento individual e coletivo.

Deparamo-nos com a necessidade de dar “passos para trás”, de voltar à fonte, como nas palavras muito simples, mas impactantes de Martin Heidegger, em sua Carta sobre

o humanismo²: “*weniger Literatur, aber mehr Pflege des Buchstabens*”, “menos literatura, mais cuidado no soletrar”.

É propriamente a criança que se alfabetiza e que, com isso, participa da vivacidade de um saber, sempre renovado, jamais estabelecido. Eis o que, no encontro com o necrotério dos *conhecedores*, nos incita a deter-nos. Eis o que convida a uma *humildade* essencial a todo *humanismo*, reconhecendo a parte de *húmus* constitutiva de nosso ser individual ou coletivo. Alfabetizar-se, soletrar o alfabeto consiste em descriptografar, ou seja, desvelar o que está escondido nas criptas da memória imemorial. Lição primordial de toda progressividade que o humanismo maçônico, quando é fiel a sua intemporal vocação, não deixa de proclamar.

Outro aspecto da vitalidade juvenil é, tal como acabo de lembrar, importar-se em saber ler as letras da sabedoria e, para tanto, aprender a “soletrar”; em resumo, pouco incomodada com o peso das certezas, a vitalidade pode expressar-se em vadiagens aventurosas. A temática da *viagem*, tendo um papel importante na perspectiva iniciática, é a marca mesmo da heterodoxia em sua luta contra todos os dogmatismos.

Talvez tenha sido isso que levou uma parte da maçonaria a desempenhar um papel importante durante a Revolução de 1789. Para retomar um título do maçónologo Charles Porset, “*Hiran foi sans-culotte?*” a questão permanece em aberto³. Porém, o que é certo é que o espírito de abertura, o cuidado com a tolerância, o adogmatismo estrutural, são todas atitudes intelectuais que só podem suscitar e confortar o desejo de transgressão que, sem necessariamente ser causa, acompanha sempre as mutações civilizacionais de fundo que marcam nossas sociedades.

Desse ponto de vista, a simbólica do aprendiz, a da perspectiva iniciática em geral entra em congruência com a figura emblemática da criança eterna, especificidade, o sabemos, da pós-modernidade. A desenvoltura e a rebelião de que a criança é atriz essencial são carregadas de conseqüências pois, ao assinar o fim de uma época, preparam infalivelmente a emergência de outra. É isso que nos dizem a sabedoria popular e a tradição: um parêntese (época) se fecha e outro

1 Ver o livro: M. Maffesoli et H. Strohl, *Les nouveaux bien-pensants*, éd. duMoment, 2014.

2 M. Heidegger, *Lettres sur l'humanisme*, éd. Aulier, 1957, p. 165. Ver a análise de D. Janicaud em B. Pinchard, *Heidegger et la question de l'humanisme*, PUF, 2005, p. 226.

3 Ver C. Porset, *Hiran Sans-Culotte? Franc-maçonnerie, Lumières, et Révolution*, éd. Honoré Champion, 1998.

se abre. Nesta sucessão infinita, é preciso estar atento ao *ins-tituínte* alternativo, pois o anômico de hoje é sempre o canônico de amanhã!

A potência do instinto juvenil é irrepreensível. Pois, assim como diz James Joyce, com sua bem conhecida lucidez roborativa: “cuidado com aquilo que desejas durante tua juventude, pois o obterás em tua maturidade”. É no grande romance iniciático que é *Ulisses* que ele emite essa proposta. *Ulisses* cujo nome traduz, por si só, ao mesmo tempo, a sede de infinito e o espírito de aventura que atormenta por muito tempo a espécie humana. Tudo isso acrescido dessa astúcia instintiva, capaz de reunir o que está esperso, coração vivo da perspicácia inteligente.

A vadiagem iniciática corolário do espírito aventureiro está sempre no fundamento das grandes mutações civilizacionais. A sensatez o sabe quando declara: “as viagens formam a juventude” e queremos dizer com isso a juventude do mundo, sua renovação. Aquilo que perfaz um indivíduo ou uma sociedade.

E a sensatez encontra também o auxílio da reta razão. A obra agudamente erudita do historiador Werner Jaeger, em sua análise da “formação do homem grego” sublinha com justeza, em que e como foram as incessantes peregrinações dos poetas dionisíacos pelo contorno mediterrâneo que estiveram no fundamento da grande cultura grega⁴. Isso pode parecer paradoxal. Mas é a movimentação inicial que, em seguida, se cristaliza e constitui o fundamento do viver-junto.

Traduzimos por “formação” o termo alemão “*Bildung*” que, no entanto, possui uma conotação mais forte, pois acentua o aspecto experimental, sensível, e não apenas teórico ou intelectual. Há na “*Bildung*” um inegável aspecto iniciático que solicita não só uma parte, o cérebro, mas a inteireza do ser.

Encontramos, na mesma ordem de ideias, uma bela metáfora utilizada por Georg Simmel para definir o que são uma cultura ou uma sociedade: *a ponte e a porta*. Outra maneira de dizer a necessidade da viagem, daquilo que abre à alteridade, e a não menos imperiosa utilidade da estabilidade, daquilo que assegura um fundamento. Como diz o poeta: “feliz quem como Ulisses fez tão bela viagem e prenhe regres-

sou, de ciência e de razão, a viver entre os seus o mais desta passagem.”

As viagens, cuja importância para diversos rituais maçônicos conhecemos, remetem ao instinto do nomadismo estrutural que, regularmente, renasce. A movimentação permite, então, ultrapassar a rigidez do *status quo*, da permanência residente que sempre prefigura a morte. Seja ela individual ou coletiva. A vadiagem iniciática, em seu aspecto transgressivo, é portanto sempre indício de uma vitalidade renovada.

Compreendemos, portanto, que a criança eterna do mundo profano ou o eterno aprendiz da tradição maçônica está sempre disposto a partir. Responde com intensidade e celeridade a qualquer “convite à viagem”. Simplesmente porque não tendo ainda fixado residência, brincando com sua identidade ou pluralizando esta em identificações sucessivas, está espontaneamente aberta ao maravilhamento sem fim da vida. Da mesma forma que a figura emblemática da modernidade: a do adulto sério, racional, produtor e devastador da natureza, foi o protagonista daquilo que Max Weber nomeou de “desencantamento do mundo”, a da criança aprendiz participa de um inegável reencantamento do mundo.

A apetência por viagens, sejam elas iniciáticas ou organizadas por algum *tour operators*, é sua manifestação mais evidente. Precisamente porque são a causa e o efeito dessa sede de infinito, contraída no instante. São também a expressão de uma visão de mundo, ardente e melancólica, que está no coração vivo do imaginário pós-moderno. Ardente, por se localizar no instante presente. Melancólica, porque sempre insatisfeita. Estando sempre feliz com essa insatisfação pois que ela é iniciadora de uma dinâmica sempre renovada.

Tratei várias vezes de uma epifanização do imaterial. Outra forma de dizer a manifestação do invisível, dentro do visível (“No fundo das aparências”, 1996). Em seu sentido fundamental, a viagem é uma dessas manifestações. É a expressão de uma energia vital conduzindo o indivíduo por um lado fora de sua rotina existencial, e por outro fora de si mesmo. É a origem da inspiração. O espírito de abertura não é nada mais que uma constante abertura ao Outro. Acaso não é desta forma que o Ser se expressa dentro do sendo?

Nova movimentação, portanto, daquilo que está esclerosado e já mortífero. Temática que encontramos neste grande viajante que era Chateaubriand para quem “as viagens são

⁴ W. Jaeger, *Paideia, laformación de l'homme grec*, Gallimard, 1964.

uma das fontes da história”. Ou então, fazendo referência a arquétipos fundadores: “as viagens remontam ao berço da sociedade”. Aquilo que está resumido em sua Viagem às Américas: “eu não pretendia menos que descobrir a passagem ao Noroeste da América.”⁵

Passagem a Noroeste! Entendamos isso em sua dimensão mítica. Metáfora do enigma da vida, flutuante e movente, escapando sempre à pressão do instituído. Os surrealistas fizeram um belo uso dessa imagem. E, de fato, a existência não é “surreal”, naquilo que integra em um misto fecundo, o real e o irreal? Ou aquilo que não tem limite nem contornos definidos? Todas as coisas cristalizando-se no jogo, no sonho. Aquilo que no luxo que é toda vida, confere preço às coisas sem preço.

A viagem, o ritual e o jogo estão, portanto, interligados. Muito precisamente naquilo que, em oposição ao racionalismo estreito, vetor da modernidade, o ratio-vitalismo que os molda se funda em uma razão que a emoção completa. Em nome do progressismo, a filosofia moderna vai marginalizar, e abandonar a sabedoria tradicional na qual o esoterismo e o exotérico estavam estreitamente ligados. É em oposição a isso que a filosofia progressiva, em sua razão sensível, se esforça para revivificar a inteireza do ser. Muito precisamente, porque integra uma grande parte de *irreal* no real da comunidade.

Esse *irreal* nada mais é que a soma destes métodos: rituais, cenários, graus, ágapes, solidariedades, pelas quais a loja maçônica se constitui enquanto tal. Nesse sentido o esotérico, aquilo que vem de fontes tradicionais, conforta o exotérico, ou seja o vínculo comunitário. Esses “métodos” que compreendo aqui *stricto sensu* como formas de pôr-se a caminho (*meta odos*) se expressam em toda viagem iniciática, deambulação e outros “passos” ritualísticos que pontuam as condutas regulares, e graças às quais se estrutura o sentimento fraterno. Não esqueçamos que são rituais semelhantes que confortam enquanto tais as tribos urbanas que constituem a teatralidade das megalópoles modernas.

O sentimento de pertença de que acabamos de tratar, fruto de uma ética estruturada por uma estética compartilhada (cenários, cerimônias, rituais...) é tanto mais forte que a viagem, em seu sentido simbólico, é uma forma de en-

frentar, em grupo, a angústia do tempo que passa e a morte como ponto de chegada. Com efeito, se como acabamos de lembrar as viagens formam a juventude, a sabedoria popular lembra também que “partir é morrer um pouco”. Morrer nesse Outro que é alhures. Morrer no Outro da comunidade. Mas sabendo, por um saber incorporado, isto é, silencioso, que quem perde ganha. Paradoxo da “despesa” de que Georges Bataille mostrou o desafio, e que a maçonaria de tradição, assim como o mundo, retorno da iniciação no mundo profano, ilustram muito bem.⁶

As viagens iniciáticas, e as provações que propõem, tudo isso teatraliza e ritualiza a morte simbólica, isto é, numa perspectiva holística, o desaparecimento é aquilo que permite a reviviscência daquilo que amoleceu. Não repetiremos nunca o suficiente a esclarecedora expressão atribuída a Anaximandro de Mileto “*Genesis kaiphthora, phtorakaigenesis*”: “Gênese e declínio, declínio e gênese”. A impermanência das formas particulares é necessária à continuidade da vida em geral. E em seu enraizamento tradicional, o *humanismo* integral sabe bem aquilo que deve ao *humus*, fonte e recurso de todas as coisas.

Impermanência e continuidade! Eis, justamente, aquilo que o progressismo, dogmaticamente bobo em sua crença num desenvolvimento linear, esqueceu. E é isso que a filosofia progressiva, atenta ao devir espiralesco do mundo, relembra à nossa memória. Morte e renascimento constituem, em um movimento sem fim, a inelutável lei destinal da espécie humana. As crises civilizacionais que pontuam esse destino não fazem senão exprimir o sentimento difuso de tal metamorfose.

Como sempre, há um bom uso da crise que consiste em reconhecer e ajustar-se a um estado de coisas: impermanência e continuidade. Desta forma, operando uma reviravolta significativa, a atmosfera mental do momento reencontra este elemento fundamental da maçonaria de tradição: é inútil negar a morte, é vão denegá-la. É melhor, através de rituais testados pelo tempo, saber cativá-la e, assim, habituar-se *homeopaticamente* a ela. Coisas que uma vida intensa e contrastada que é a especificidade da criatividade juvenil

5 Chateaubriand, *Voyage en Amérique*, Ladvoat, 1827.

6 De uma maneira geral, a obra de G. Bataille é das mais instrutivas para o nosso propósito. Ver em particular “A noção de despesa” (1933), in *A Parte Maldita*, imago, 1975

contemporânea, marcada pelo selo de um vitalismo exacerbado não deixa também de propiciar.

Eis o prolongamento do acorde, cada vez mais evidente, entre a sabedoria tradicional, tal como perdura na filosofia progressiva das sociedades de pensamento maçônico, e o imaginário pós-moderno impregnando a ação das jovens gerações. A teoria e a *praxis* não provêm verticalmente de cima. A lei do Pai não poderia estar mais desatualizada. É entre pares, horizontalmente, que tudo se elabora: a lei dos irmãos está de volta.

Assim é que as comunidades iniciáticas ou as neotribos pós-modernas participam de um idêntico inconsciente coletivo: o conhecimento é iniciático. Consiste em “nascer-junto” (“*cum nascere*”). Nascer-com as coisas, e nascer-com todos aqueles que participam nessa mesma busca do Graal, que poderíamos chamar de “ecosofia”, uma sabedoria da casa comum, que consiste em inventar o segredo da vida. Uma vida dedicada ao amor e à dor, com suas alegrias e suas provações que a fraternidade/irmandade torna suportáveis.

Outras publicações do autor:

MAFFESOLI, M. (2007). *Le réenchantement du monde - Morales, éthiques, déontologies*, Paris, Ed. Table Ronde.

MAFFESOLI, M. (2008). *Iconologies. Nos idol@tries postmodernes*, Paris, Albin Michel.

MAFFESOLI, M. (2008) *Après la modernité ? - La conquête du présent, La violence totalitaire, La logique de la domination*, Paris, Editions du CNRS, coll. Compendium.

MAFFESOLI, M. (2008). *La République des bons sentiments*, Editions du Rocher.

MAFFESOLI, M. (2009). *Apocalypse*, Paris, Editions du CNRS, Coll. Débats.